A operação do Tio Onofre

uma história policial



Tatiana Belinky

Ilustrações: Alcy

ática

A operação do Tio Onofre

Uma história policial

Tatiana Belinky

Ilustrações Alcy



ática

Talita tinha a mania de dar nomes de gente aos objetos da casa, e tinham de ser nomes que rimassem. Assim, por exemplo, a mesa, para Talita, era Dona Teresa, a poltrona era Vó Gordona, o armário era Doutor Mário. A escada era Dona Ada, a escrivaninha era Tia Sinhazinha, a lavadora era Prima Dora, e assim por diante.





Os pais de Talita achavam graça e topavam a brincadeira. Então, podiam-se ouvir conversas tipo como esta:

— Filhinha, quer trazer o jornal que está em cima da **Tia Sinhazinha**?



Ou então:

— Que amolação, **Prima Dora** está entupida, não lava nada! Precisa chamar o mecânico.

— Ainda bem que tem roupa limpa dentro do **Doutor Mário**, né, mamãe?

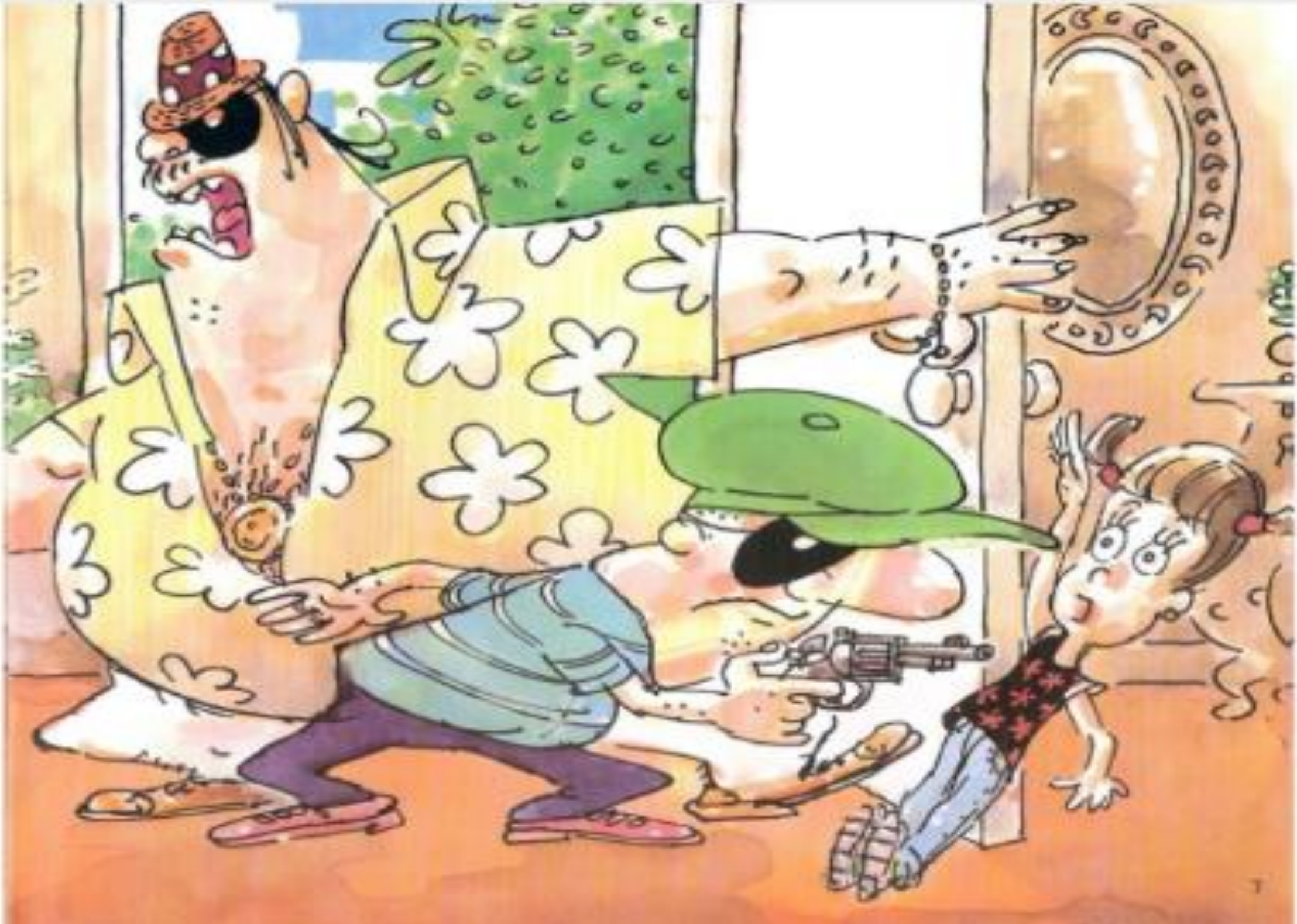
E todos riam.



Mas uma tarde, Talita estava na sala com a mamãe, assistindo televisão, quando tocou a campainha. Talita correu e foi logo abrindo a porta, sem antes verificar quem era. E não é que eram dois ladrões armados?! Os mal-encarados sujeitos empurraram Talita e foram entrando, de armas apontadas:

— **ISTO É UM ASSALTO! ENTREGUE O DINHEIRO E AS JOIAS, MADAME, E NEM UM PIO, ESTÁ OUVINDO?!**







Talita agarrou-se à mamãe, as duas mudas de susto.

— O cofre, rápido! — repetiu o ladrão, bravo. — **Abra o cofre, rápido!**

— É pra já, madame. Mexa-se, se não quer que aconteça nada com a menina — ameaçou o outro.

A mamãe — que remédio! — foi logo tirando o quadro que escondia a porta do cofre embutido na parede, e começou a mexer no segredo, NERVOSA, enquanto Talita olhava, apavorada.

Nisso, o telefone tocou. Uma, duas, três vezes.



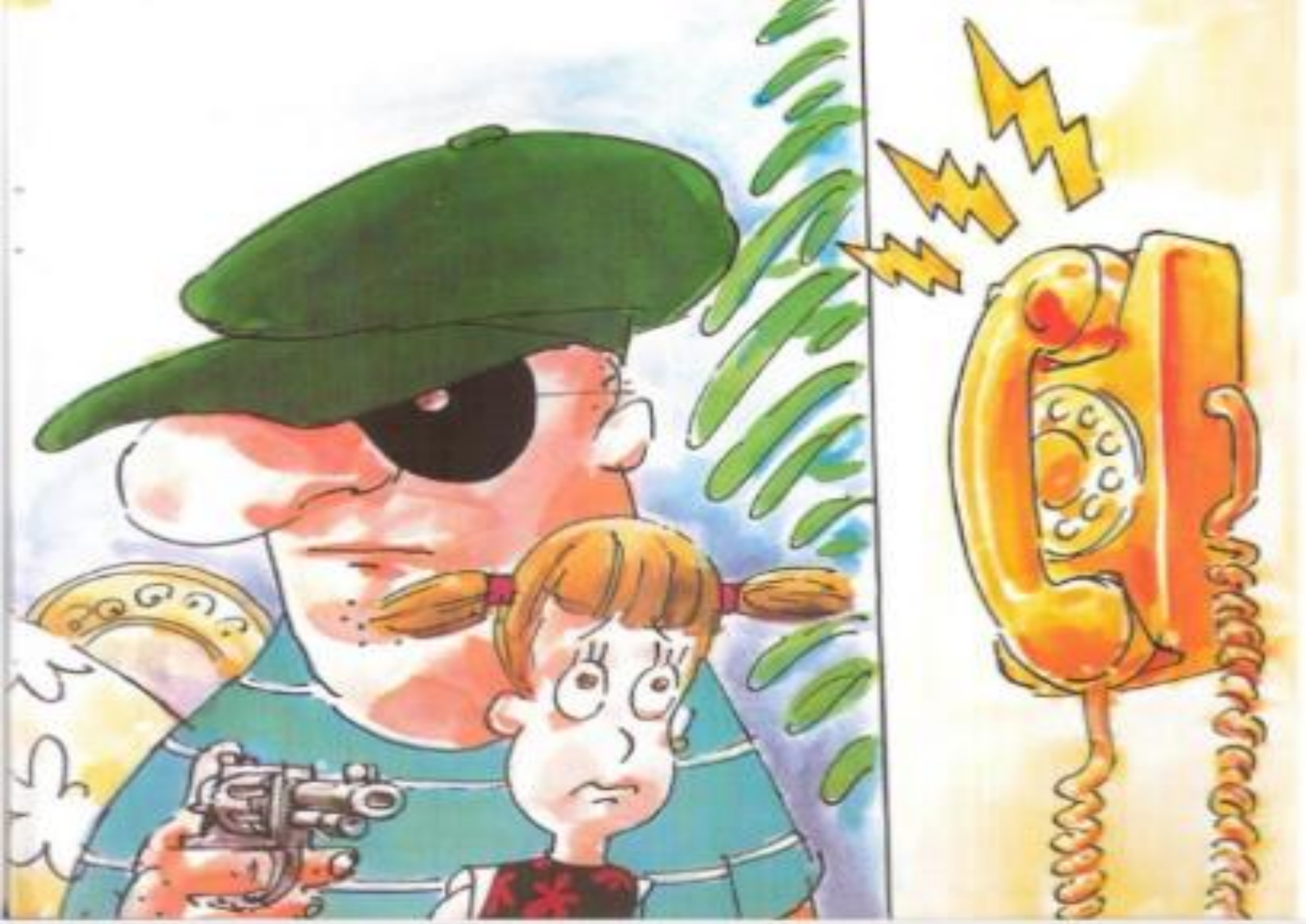
— Só faltava isto! — resmungou um dos ladrões.

— **Deve ser o papai** — murmurou Talita, quase chorando. — **Ele sempre telefona à tarde para saber da gente...**

— **Droga!** — rosnou o outro. — Se ninguém responder, o homem vai estranhar...

— **Então atenda logo** — gritou o outro. — A senhora não, madame, cuide do cofre! Você, menina, atenda logo! E cuidado com o que vai dizer! Não deixe perceber nada, SENÃO...





— **Alô!** — obedeceu Talita, trêmula, enquanto o ladrão tirava o fone da extensão no vestíbulo, para ouvir a conversa.



— Talita? — era a voz do papai. — Tudo bem aí, filhota?

— **Tu... tudo... be... bem... papai...** — gaguejou Talita. E o ladrão olhou feio para ela.

— Talita — disse o papai —, avise a mamãe que eu vou chegar atrasado para o jantar... mais ou menos uma hora. Você está me ouvindo, filha?

— **Es... estou... sim... Vo... você... vai che... chegar... atra... trasado...**

— A sua voz está diferente, Talita. Vocês estão bem mesmo?

O ladrão apontou a arma para a menina:

— Vê lá o que fala, e não gagueje! — sussurrou ele, ameaçador.



Então Talita fez um esforço, firmou a voz e respondeu:

— **Tudo bem, papai, eu e mamãe estamos bem. Só que um pouco preocupadas com o Tio Onofre.**

— Tio Onofre? — estranhou o papai.

— Pois é, papai. Telefonaram agora há pouco, dizendo que o Tio Onofre teve uma crise de apendicite aguda e teve de ser operado de urgência. A esta hora já devem estar abrindo a barriga dele...

— **É mesmo?** — disse o papai, após pequena pausa. — Foi de repente, não é?







O ladrão, satisfeito com a resposta da menina, fazia sinais para ela terminar a conversa:

— Acabe logo com este papo-furado! — sussurrou ele. E Talita apressou-se a obedecer:

— Eu falo pra mamãe que você vai chegar atrasado para o jantar. Até LOGO, papai! — E Talita desligou o telefone.



— Bem bom! — disse um ladrão para o outro. — Agora temos tempo de sobra para fazer o serviço!

— Mesmo assim, quanto mais depressa, melhor. **Mexa-se, madame! Vai demorar muito pra abrir este cofre?** — rosnou o ladrão.



As mãos da mamãe tremiam muito:

— O SENHOR ME DEIXA NERVOSA, COM ESTA ARMA APONTADA... ASSIM EU NÃO CONSIGO ACERTAR O SEGREDO...

— Pois não esquente, madame — falou o outro. — Não ouviu que o seu marido vai chegar atrasado? Temos tempo que chegue.

E, voltando-se para Talita, ordenou, apontando para a Vó Gordona:

— E você, menina, senta aí na poltrona e fica bem quietinha, enquanto meu colega e eu revistamos as gavetas da escrivaninha.



Os minutos passavam. Na sala, só se ouviam as vozes estridentes do desenho animado na televisão, abafando os outros ruídos.

E só Talita, porque estava muito atenta, ouviu o estalinho leve duma chave na fechadura da porta, enquanto a mamãe abria o cofre. E, bem no momento em que os ladrões se precipitavam para ver o conteúdo, a porta da entrada se abriu de repente, silenciosamente, e dois policiais irromperam na sala, apontando as armas nas costas dos bandidos:

— **Polícia! Larguem as armas! Mãos ao alto!**







Atrás dos policiais, entrou correndo o pai de Talita, de braços abertos:

— **GRAÇAS A DEUS, VOCÊS ESTÃO BEM!** — E ele envolveu a mulher e a filha num só grande abraço.

As duas até choraram de emoção e alívio.

E depois que acabou a agitação e os dois policiais levaram os assaltantes presos, a mamãe perguntou ao papai:

— Mas, querido, você não disse que ia chegar atrasado? Como foi que adivinhou o que estava acontecendo e chegou assim, em cima da hora?



O papai piscou um olho para a Talita.

— **E desde quando a nossa filha tem um tio chamado Onofre?** Onofre, aqui em casa, só rima com cofre. E se o cofre-Onofre estava sendo operado... se estavam "abrindo a barriga dele", bem...

E todos os três caíram na gargalhada.

